

## **HIPERTEXTO: UMA POSSIBILIDADE DE CRÍTICA TEXTUAL**

*Andréa Abrate Coimbra Machado (UNESA)*

*Nataniel dos Santos Gomes (UNESA)*

### **Resumo:**

Esta pesquisa visa a encontrar uma possibilidade de crítica textual em textos já consagrados, textos canônicos. Saber como surgiu um texto, o que é e como nos utilizar a Internet tornou-se igualmente importante para esta pesquisa, que se vale desta linguagem para chegar ao seu objetivo: o texto virtual é definido e suas características são expostas.

As bibliotecas que em outras épocas tinham a função de reproduzir textos, copiando-os, foram aqui abordadas, sendo ressaltada a Biblioteca da Alexandria, por ser uma das mais importantes por sua grandeza e por sua pluralidade de culturas.

O Renascimento, como período marcante para a Filologia, pois nele a crítica textual ganha forma de ciência, é abordado mais adiante, mostrando que a Internet é a mega biblioteca, algo comparável a Biblioteca da Alexandria, na Antigüidade, porém com um alcance superior, além das técnicas desenvolvidas por Lachmann, para os estudos dentro do campo da crítica textual.

Considerando todas as abordagens anteriores, chegamos à conclusão que é possível fazer uma crítica textual com o hipertexto possibilitado pela estrutura do software que tem entre seus programas um que resgata todos os hipertextos que são acessados, como um backup que garante a acessibilidade mais rápida.

Palavras-chave: edição crítica; hipertexto; filologia

Esta pesquisa tem por finalidade levantar a possibilidade de fazer crítica textual com o hipertexto, o texto da Internet. O vislumbre de um caráter histórico-filológico foi à mola propulsora para este trabalho.

Para que fosse alcançado tal objetivo, fez-se necessário iniciar no primeiro capítulo o estudo do texto, passando pela coesão e coerência, ressaltando a importância de ambas para o entrelaçamento do mesmo, ou seja, seu entendimento, mister foi também lembrarmos a necessidade de uma hierarquização de pensamentos para o êxito desse processo.

Na segunda parte, definimos o que é Internet, ressaltando a responsabilidade da ARPA em seu surgimento, quando na década de 50 houve a necessidade de um sistema eficaz de comunicação entre os órgãos do governo americano. Neste mesmo capítulo é apontado como utilizar esta ferramenta, usada, atualmente, em todos os cantos do mundo.

Na parte seguinte definimos “biblioteca”, com o objetivo de falarmos sobre o acervo de textos. Hoje a sua função maior é o empréstimo de livros, mas na Antigüidade a Biblioteca da Alexandria (considerada a maior de sua época), era acima de tudo, um Centro Universitário. Vale ressaltar a dificuldade de conseguirmos material para fecharmos este capítulo, já que as informações e fontes são desconstruídas e confusas, uma vez que a Biblioteca da Alexandria foi incendiada por diversas vezes.

Iniciamos a última sessão falando do Renascimento, apontando-o como o marco da edição crítica. Definimos Internet como uma mega acervo de textos, explicamos a noção de hipertexto, e procuramos discutir se neste e a partir deste há a possibilidade de realizarmos uma edição crítica.

## I

### *Pra começo de conversa*

“Como sabemos tanto com tão poucas evidências?” (Platão)

Desde os primórdios, o homem sente uma necessidade inexplicável de se comunicar com os demais, expressando suas idéias e sentimentos. A princípio, eram só ruídos, com os quais o homem procurava se comunicar e mostrar seus sentimentos tais como dor, medo, ódio, revolta, carinho, inconscientemente, visando uma forma de preparar o corpo para algo maior, a produção de sons significativos no qual a mente poderia através da estrutura física, expressar-se. Desconhecemos como surgiu e qual foi à primeira palavra, o fato é que a natureza proveu o homem de meios, e este fez acontecer sua vontade.

Chomsky, em sua teoria racionalista, inserida no gerativismo, afirma que o homem possui uma capacidade inata de se comunicar, justificando o fato de uma criança aprender se expressar, mesmo quando o “estímulo ambiental é falho e fragmentado”.<sup>1</sup> Essa capacidade é comprovada através do fato de que somente o homem tem essa competência, porque o mesmo adquire a língua materna, da mesma forma em todos os lugares do mundo, com a perfeição no processo de aprendizagem, pois é real e não mera repetição, mesmo a língua sendo abstrata. Se entendermos como abstração algo que não copia a realidade, conseguimos entender perfeitamente o porquê da abstração da língua. Adquirir uma língua não acontece através de mera repetição. Há toda uma estrutura mental e física preparada para desenvolvermos esta habilidade. Em outras palavras, para este teórico, “tanto o conhecimento quanto o comportamento lingüístico seriam geneticamente determinados”<sup>2</sup>.

Em “The capacity for language acquisition”<sup>3</sup>, Lennenberg demonstra seguir totalmente a visão de Chomsky, pois ele compara a aquisição da fala com outras atividades do desenvolvimento humano. Este teórico se vale de vários critérios para tirar suas conclusões. O primeiro critério é de que o homem não pode traçar o momento, na história da humanidade, em que ele começa a andar da mesma maneira que pode fazer com a escrita. Um segundo critério, é que algumas atividades do desenvolvimento humano, tais como andar e falar, não apresentam variação na espécie, como apresenta escrever e ler,

---

<sup>1</sup> KATO, Mary A. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986. p.101.

<sup>2</sup> Id. Ibid., p.101

<sup>3</sup> Apud.p.101

com relação à aprendizagem. Ainda há um outro critério que é o da herança genética, pois o homem aprende a andar sozinho e outras atividades como a de ler e escrever se dá através de um treinamento. Por fim, um último critério envolve o que ele chama de “correlatos orgânicos específicos”. Isso se explica no fato do homem desenvolver sua habilidade de falar num período específico de sua existência, não ocorrendo o mesmo com relação à escrita e a leitura. Lennenberg concluiu, então, que escrever e ler não são inatos, mas falar o é, pois a aquisição da fala não apresenta variação na espécie, explicando o fato da língua ser abstrata.

Estas são possibilidades de como pode ter surgido a língua e de como adquirimos a linguagem: da vontade humana de querer se expressar, de expor seus pensamentos e idéias, não pra si, mas para outros, porque há no homem não só o desejo, mas a estrutura mental e física que o possibilita a exata interação com o próximo.

A língua tornou-se o maior instrumento de comunicação humana, que num primeiro momento ficou restrita a oralidade, a qual o homem desenvolveu de diversas formas. Em outros tempos, era o maior veículo de transmissão de saberes e a palavra tinha força religiosa numa decisão, pois o homem utilizava-a, como medida de sua honra. Uma vez a palavra dada, uma vez ela dita e empenhada, era preciso cumprir com a sua parte no trato para que sua honra não ficasse “manchada”. Uma vez que houvesse dúvida sobre a palavra empenhada por um homem, ele era desacreditado e se tornava indigno de qualquer confiança.

Com o passar do tempo, percebeu-se a necessidade de registro de decisões, idéias e sentimentos humanos, pois toda tradição cultural que era baseada na oralidade, já não dava conta de tudo o que era interpretado numa situação real de fala, gerando arbitrariedade na aplicação de leis, por exemplo. Surge, então, os primeiros textos escritos, que valorizaram a palavra registrada.

### ***Texto, um entrelaçamento.***

O texto é, pois, um todo organizado de sentido (PLATÃO & FIORIN. 2001, p. 16)

Antes de seguirmos, pensemos então: O que é texto? Para o Dicionário Houaiss, texto é “conjunto de palavras, frases escritas” ou ainda “qualquer material escrito destinado a ser falado ou lido em voz alta”.

A palavra texto tem origem no latim *teccer*, o mesmo que trama, teia. Exatamente isso é o texto: um emaranhado, um entrelaçado de idéias e de formas, apesar de acharmos que o texto é fragmentado, pois está pontuado e cheio de convenções. Então, diferente do que se possam pensar, as partes de um texto são “dependentes semanticamente uma das outras, seguindo uma hierarquia de pensamentos”<sup>4</sup>. Em outras palavras, para que possamos entender o texto, não podemos julgá-lo por um fragmento, apenas por uma frase, pois cada parte mantém uma relação semântica com as demais. Essa combinação resulta na interpretação do leitor, que somente no ato da leitura poderá ter o entendimento do que está escrito, pois a compreensão não está presa à forma, não pertence ao texto. Esse nexos, essa lógica a qual alguns teóricos lingüistas e outros tantos literários afirmam estar no leitor e não no texto, chama-se coerência. Essa coerência é uma “harmonia de sentidos, ou uma ausência de discrepâncias no sentido do que se lê”.

Para melhor entendimento do que foi dito acima, tomemos como exemplos o que vem escrito em algumas cartilhas didáticas. Muitas delas trazem frases supostamente de fácil leitura, pois quem a elaborou, pensava existir nessas frases sílabas simples e tentando facilitar a leitura do seu usuário, agrupou-as em um único período, esquecendo-se de dar coerência, como nas frases:

1ª: “O jacaré bebe cajuada de jaleco”.

2ª: “O boi baba no bebê”.

3ª O bode joga dado e bebe água de coco.<sup>5</sup>

4ª O tatu toca tuba na mata.<sup>6</sup>

Onde está o sentido nestas frases? Como o jacaré não vive dentre os humanos e seus costumes, como não é um animal pensante,

---

<sup>4</sup> PLATÃO & FIORIN. Lições de textos: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2001. p. 14.

<sup>5</sup>PASSOS, Lucina Maria Marinho. Cartilha Alegria de Saber. São Paulo: Scipione, 1997.p.38.

<sup>6</sup> Apud.,p.52.

pois é irracional apenas utilizando-se de seus instintos, beber cajuada e usar jaleco deva estar fora da idéia humana de jacaré. Então, a frase número um é um amontoado de palavras, mas sem sentidos o mesmo ocorrendo na frase número dois, na três e na quatro. Isso também nos prova que para ter significado, o leitor precisa relacionar o texto com o contexto. É preciso ter um mínimo de repertório de vida para então entendermos do assunto que se trata.

O que nos faz dar crédito a essas frases? A coesão. Esse mecanismo que de alguma forma torna as frases mais estruturadas, mais coesas, mais unidas. Geralmente, a coesão e coerência estão de braços dados num texto, mas diferente da coerência, a coesão está na estrutura, no próprio texto. Ela, a coesão, é a ligação entre as orações e os períodos, um encadeamento linear das unidades lingüísticas presentes no texto, garantindo legibilidade e a evidenciando as relações entre os diversos componentes.

Conclui-se que a definição de Houaiss está incompleta, porque o texto não é um amontoado de frases escritas, um texto para ter existência precisa ter sentido na cabeça de seu leitor, no entendimento que ele tem do mesmo, pois é preciso construir um texto, seguindo uma determinada “hierarquização de sentidos”. Essa hierarquização de sentidos são as etapas pelo qual o nosso pensamento passa até chegar ao “entendimento completo” do texto, processado com a ajuda de muitos fatores tais como as informações recolhidas durante toda a nossa vida, a qual chamamos de conhecimento de mundo, unida as nossas percepções sensoriais.

E como ocorre esta construção? Em que âmbito isso acontece? No momento da comunicação, para que haja entendimento completo, precisamos nos valer não só da estrutura sintática como também semântica e nosso cérebro que é dividido em módulos, exerce diferentes faculdades mentais, interagindo o tempo todo. Quando escutamos ou lemos uma palavra, o som/grafema é associado a um significado. Mesmo para formar frases ou períodos inteiros nos valemos dessa estrutura mental para construí-los. Platão ao dizer “Como sabemos tanto com tão poucas evidências?”, desconhecia todo esse mecanismo, toda essa tecnologia de ponta chamada cérebro.

Dessa forma construímos o nosso léxico e posteriormente nossas frases e períodos mentalmente, pois como dito anteriormente,

somos dotados dessa competência, ou seja, que a linguagem e seu desenvolvimento dentre os homens se dá pelo fato de ser inata.

Tudo isso faz parte do texto escrito, mas para montá-lo necessitamos de símbolos e entende-se aqui como símbolos, as letras e os números, mas também precisamos de regras. As regras existentes em uma língua, e que servirão para serem usadas na escrita, marcam o texto na hora da leitura, auxiliando o entendimento e dando significado.

Um texto, diferente do que se possa pensar, não necessariamente tem que ser escrito, sua elaboração pode também ser realizada oralmente, sem símbolos ou ícones, mas com sons. Como dito anteriormente, “nos valem de uma estrutura mental” para construirmos o texto, pois toda elaboração do mesmo primeiro ocorre em nossa mente, possibilitando qualquer outra forma de expressão.

### *Construindo a escrita*

Por volta de 4.000 a.C., surgiu a escrita, assinalou a passagem da Pré-História para a História propriamente dita. (MELLO, Leonel & COSTA, Luís. 1985, p.20)

Agora que já conseguimos definir o que é texto e quais as suas características mais marcantes, retornemos a história da língua escrita.

Desde que o homem sentiu a necessidade de registrar sua vivência, deixou seus registros espalhados pelo mundo em forma de desenhos a princípio, escrita chamada inicialmente pictográfica (picto = desenho; gráfica = registro, escrita).

Essas imagens eram gravadas em paredes de cavernas a mais ou menos cinco mil anos atrás. Mesmo assim, esse tipo de registro não era o suficiente para dar conta de tantos significados que a intenção de quem desenhava queria expressar e com o tempo, foram criados outros tantos símbolos. Os babilônios elaboraram a primeira escrita, mas foram os fenícios que criaram a escrita fonética que deu origem ao nosso alfabeto, pois os gregos ao adotarem estes símbolos adaptando-os a sua cultura, estabeleceram a escrita da esquerda pra direita, desenvolvendo a escrita silabar, além de introduzirem o uso

de vogais e modificarem seu formato, mudando assim a história do mundo. Como é do saber geral, foram eles, os gregos, que também influenciaram toda a cultura ocidental, através dos romanos. A publicação de leis por Sólon, que revolucionou o pensamento grego, foi marcante e decisiva para a eternização do que era dito, pois a partir dali, as regras estavam registradas e dificilmente poderiam ser distorcidas por aqueles que tinham mais poder e o exerciam através da política ou do dinheiro. O peso que antes tinha a palavra empenhada oralmente, passa a ter a palavra escrita.

A princípio tudo isso era registrado em *papiro*, um tipo de “papel da Antigüidade”, confeccionado a partir de uma haste da erva do mesmo nome, planta semelhante ao junco. O registro também podia ser feito em *pergamino*, que era a pele da ovelha tratada adequadamente para que nela se fizessem registros, tal como no pergamino ou no nosso atual papel. Esse tipo de registro acabava por se perder, pois o papiro era muito frágil e com o tempo acaba por se desfazer, por falta de resistência à membrana, assim como eram perdidos vários registros em pergamino, porque se deteriorava. Eram volumes, denominados *rotulus* ou *volumen* (do verbo *volvere*, “enrolar”) onde as obras gregas e latinas eram escritas. O rolo ou *volumen* foi utilizado até o século V da Era Cristã.

O que fazer, então, para manter os textos perpetuados? A solução encontrada foi, de acordo com a necessidade, a cópia dos textos. Esse trabalho artesanal era feito pelos copistas ou escribas, a mais de seis mil anos a.C, que eram muito conceituados em seu meio, pois eram eles que de certa forma detinham o saber, porque todo saber passava por eles. Eram eles os responsáveis pelas reproduções de textos relativos àquela cultura como também de leis. Eles estavam ligados à religião e inicialmente, entre os judeus passavam por um período de purificação. Com o tempo, essa preparação não era mais vista como algo necessário e por tudo isso as cópias também já não eram mais tão cuidadosas. Com a chegada do papel na Idade Média, as cópias ficavam mais nítidas, mesmo assim ao passarem por séculos e séculos de cópias e cópias, as reproduções chegaram a esta época já cheias de modificações, pois os *escribas ou copistas*, muitas vezes ao reproduzirem erravam as linhas pulando e copiando a seguinte, ou mesmo, sem entender aquilo que estava escrito reorganizavam a semântica do texto. Seus sucessores, diante das alterações

feitas e sentindo a necessidade de obter um texto compreensível, faziam ainda mais alterações. Vários eram os tipos de deteriorizações.

O Renascimento, como veremos a seguir, foi à época da História Universal em que os homens, mais preocupados consigo mesmos, com o que pensavam e agiam, buscaram na Cultura Clássica a oposição necessária ao que denominavam Idade das Trevas. Faziam isso investindo nas artes de uma maneira geral. Esses investidores eram chamados humanistas.

Durante essa determinada época de nossa história, os textos gregos e latinos da Antigüidade, serviram de referência para outros autores. Houve então, uma necessidade urgente de se ter em mãos esses textos na sua forma original, mas como, se por séculos e séculos os textos foram alterados? Se muitos deles foram perdidos em guerras, catástrofes, ou mesmo negligência e as que restavam eram cópias espalhadas em bibliotecas de mosteiros?

Coube aos humanistas a tarefa de encontrá-los para comparar e julgar os conteúdos deles posteriormente. Eram levados em consideração os trechos dos manuscritos que apareciam “iguais” em todas as reproduções, ou que continham alguma semelhança. Após ter-se estabelecido a genealogia dos manuscritos, os trechos eram reunidos em uma edição, chamada de edição crítica.

Uma edição crítica era o julgamento de um editor, o resultado de suas conjecturas, tentando apresentá-lo a seu leitor na forma originária, o que não significa canonizá-la. Como é um julgamento e apesar da tentativa de purificação do texto, o que ocorre é que não há edições críticas perfeitas.

Essa análise diacrônica tem a intenção de trazer para toda a humanidade uma aproximação maior com seu passado, de forma a entendê-lo. Com certeza, estes textos influenciaram toda a rota literária da humanidade bem como o transformar de várias línguas, que sob esta interferência ganharam novos vocábulos ou transformaram outros tantos.

Com a chegada da imprensa, por volta do ano de 1500, todo o processo de reprodução dos textos ficou facilitada, sem alterações, pois o perigo de cometer erros é infinitamente pequeno.

Atualmente, temos em nossa sociedade, um outro meio de publicar nossos textos, muito mais rápido, muito mais preciso: a Internet.

Diferente os textos da Antigüidade ou da época em que a imprensa surgiu, os textos da Internet tratam dos assuntos de forma generalizada, são textos de leitura rápida, superficiais. Os motivos que levam a produção de textos tão fugazes são aqueles ligados a questões econômicas, pois aquele que acessa a rede paga por este serviço, ou mesmo de ordem prática, pois a leitura na tela não é muito agradável, trazendo para o leitor cansaço e desconforto nas vistas e no restante do corpo, contudo estes textos são mega bibliotecas, enciclopédias infinitas. Vejamos, ao acessar um site (ou sítio) e nos depararmos com um texto encontramos vários itens sublinhados. Quando clicamos sobre um desses itens grifados, logo podemos fazer um link com outro site que trata daquele assunto específico. Por exemplo: ao entrarmos numa revista virtual que fala sobre budismo e neste texto está sublinhado o termo Gohonzon, e clicarmos sobre ele, imediatamente seremos transportados para outro site que fale sobre o *Gohonzon* um pouco mais profundamente. Neste outro texto há o nome de *Nitiren Daishonin* grifado e ao clicarmos ali estaremos mais uma vez, nos direcionando através do link a um outro texto, assim infinitamente através da Internet.

Esse texto sem fim, uma biblioteca infinita, essa mega enciclopédia com ponte para vários lugares do mundo, a qualquer hora, para qualquer lugar do mundo é o Hipertexto.

## II

### ***Internet, a oitava maravilha do mundo***

Curiosamente, o computador nasceu de uma máquina de Turin, capaz de dar um passo de cada vez, e, de fato, nas profundezas da máquina, a linguagem ainda opera dessa maneira, por uma lógica binária, de zero-um. Porém o produto da máquina não é mais linear: é uma explosão de fogos de artifícios semióticos (ECO.2003)

Vivemos num mundo hoje cheio de urgências, num mundo em que o relógio é quem dita as ordens. Precisamos estar em muitos

lugares ao mesmo tempo e as tecnologias da modernidade, tais como o celular e o computador estão presentes para facilitar a vida deste homem já tão atarefado, quase onipresente, facilitado por essas mesmas tecnologias.

A Internet surgiu no final década de 50, após a União Soviética, hoje desfeita em vários países do leste europeu, enviar um satélite espacial para a órbita da Terra, o SPUTINIK. Paralelo a esse movimento, o presidente dos Estados Unidos, na época *Eisenhower*, fundou a ARPA<sup>7</sup> (Advanced Research and Projects Agency) com o objetivo de criar e desenvolver tecnologias que pudessem servir as forças armadas. Pensando na possibilidade de um ataque nuclear, a ARPA elaborou em um sistema interligado de comunicação que fosse descentralizado, em que as informações seriam socializadas, sendo levadas de máquina para máquina. A sugestão foi aceita e esse sistema se desenvolveu em larga escala durante as décadas de 60 e 70. Em 72, ele foi apresentado como ARPANET em uma feira de comunicações chamando a atenção de todos ali presentes. Algumas Universidades passaram a fazer parte desse sistema, no qual registravam suas pesquisas. Com as freqüentes descobertas e pesquisas essa rede cresceu e tomou a forma do que hoje conhecemos por INTERNET.

A Internet é esse mega sistema que interliga diversos tipos e tamanhos de computadores. Cada um desses computadores está limitado a seu sistema e as informações gravadas em seu disco rígido, porém se conectados a Internet, essa gama de informações se multiplica incrivelmente, pois não há limites para o volume de informações que podemos encontrar neste sistema. A Internet é um sistema, que possui um protocolo compartilhado por seus usuários; uma comunidade virtual que pode trocar idéias a qualquer momento, que une diversas culturas, interage com as diferenças.<sup>8</sup>

Pode-se entrar em uma sala de bate-papo (ou chat, em inglês) e conversarmos com pessoas de diversas partes do mundo, ou mesmo visitarmos o Museu do Vaticano, uma biblioteca local, a Casa Branca ou descobrir através do sistema, onde está onde livro raro de Carlos Drummond de Andrade.

---

<sup>7</sup> [http://www.hotlink.com.br/suporte/suporte\\_manual/manual2.php](http://www.hotlink.com.br/suporte/suporte_manual/manual2.php), em 21/04/2004, às 15h40min

<sup>8</sup> <http://www.hotlink.com.br/suporte/suporte-manual1.php>, em 21/04/2004, às 15h e 30 min.

Para que funcione este sistema precisa de uma estrutura em que bancos principais de informações, chamados bankbones (em português, espinha dorsal), ministrados por empresas de telefonia, dão acesso através de provedores. Todo aquele que quer conectar-se necessita de uma linha telefônica, um computador com programas que facilitem esse acesso, além de um “drive de mouden”. Como o acesso é feito através de uma linha telefônica e por esse acesso pagá-se o impulso, todo usuário dá a procura ganhar tempo utilizando-o a mais rápido possível.

Através da sigla *www*, *World Wide Web*<sup>9</sup>, que significa Teia de Alcance Mundial, os usuários podem ter acesso às informações diversas. Uma empresa, uma instituição filantrópica ou mesmo uma poetiza, pode através de uma página gráfica, expor informações sobre seus produtos, seus serviços, sua estrutura organizacional, ou qualquer outra informação que julgar necessária. Como essa rede é mundial, e não “fecha pro almoço”, as informações nela inseridas são alteradas a qualquer hora, mostrando que a velocidade da informação é assustadoramente grande. Essas informações se apresentam em páginas com ícones e textos e são acessadas quando, com cursor, solicitamos com dois cliques que se abra outra página com a informação pedida.

### ***O texto virtual: rei morto, rei posto***

Vivemos num ritmo de velocidade pura, como afirma Lévy, numa pluralidade de devires imediatos (RAMAL. 2002, p.81)”.

Quando pensamos no homem como animal comunicante, percebemos que sua situação mudou radicalmente desde os primórdios. De uma valorização da oralidade, passando pela urgência e necessidade de haver uma cultura escrita, a um movimento na cultura que valoriza os dois simultaneamente. De um momento histórico, como aquele em que as “sociedades primárias e os interlocutores partilhavam o mesmo contexto”<sup>10</sup> a este, em que o contexto é compartilhado

---

<sup>9</sup> <http://www.hotlink.com.br/suporte/suporte-manual5.php>, em 21/04/2004, às 15h e 59min.

<sup>10</sup> RAMAL, Andréa Cecília. Educação na Cibercultura. Hipertextualidade, Leitura, Escrita e Aprendizagem. Porto alegre: Artmed, 2002. p.81.

ao mesmo instante, por várias culturas. Não só partilhamos um mesmo contexto, o da Internet, através do hipertexto, como também podemos promover o encurtamento das distâncias. Essa nova possibilidade de interação nos permite rever conceitos antes tão sólidos, absolutos em suas verdades como o do contexto, do espaço e do tempo.

Se entendermos por contexto “situação a qual ocorre e se insere algo ou alguém”<sup>11</sup> ou ainda “o que constitui o texto no seu todo”<sup>12</sup>, podemos afirmar que o usuário da Internet, tem o poder através dela simultaneamente participar do seu contexto pode se sentir inserido em outro o qual compartilha, com vários outros usuários, estes ainda em outro contexto. O que tudo isso quer dizer? Que um indivíduo morador da Gaborone, capital de Botsuana, no continente africano, com valores muito diferentes do restante do mundo, que fala uma língua ou um dialeto, muito comum daquela região, pertencente a uma forma de divisão social peculiar aquele povo, pode falar ou apenas compartilhar um hipertexto com outro usuário que está a milhares de quilômetros dali, em São Paulo, no Brasil, por exemplo, que fala o português, com uma característica falá-lo e que participa de um sistema totalmente diferente do primeiro.

Isso nos faz pensar no espaço que é igualmente dividido por esses dois internautas que também estão em espaços diferentes. Esse espaço da Internet, no hipertexto é apesar de virtual, um espaço partilhado ao mesmo tempo por diversos usuários.

Com a urgência em que vivem os homens hoje, fez-se necessário criar um sistema que fosse igualmente rápido de modo a favorecer o homem em sua eterna busca por novas informações. Esse sistema é a Internet e é através dela que as informações podem ser passadas adiante numa velocidade nunca antes vista. Para que possamos perceber a velocidade em que as informações nos chegam através da Internet, precisamos fazer comparações com o passado.

Vejamos: na Idade Média quando um rei morria, sua morte era anunciada a outros reinos por mensageiros que cumpriam sua

---

<sup>11</sup> HOUAISS, Antônio. Minidicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001.p.108.

<sup>12</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurelio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.p.180.

função em cima de um cavalo. A chegada dessa informação a outros reinos podia levar horas, dias ou sem exagero, semanas. As grandes distâncias impediam que as informações chegassem rapidamente e ao chegarem ao seu destino, elas já eram ultrapassadas. Muitas vezes a informação era repassada, porém outro dado poderia tornar velho ao anterior sem que ninguém soubesse, como a substituição do mesmo rei. Rei morto, rei posto.

Notícias são repassadas agora com diferença de segundos, sem que a distância seja um fator de impedimento para a chegada do novo informe a milhões de pessoas. Isso pode ocorrer em uma rádio, ou em canal de tv, que é de livre acesso ao grande público. Todos esses dois veículos de comunicação são capazes desse feito hoje, porque contam com uma tecnologia avançadíssima, na maioria das vezes desenvolvida, por centros de desenvolvimento de tecnologia avançada, como ocorreu com o surgimento da Internet, que foi desenvolvida pela ARPA.

O texto da Internet não poderia ser diferente. Ele tem como principal característica superficialidade, objetividade e a velocidade com que muda. A própria estrutura do texto virtual não permite que eles sejam longos, porque a página gráfica é do tamanho da tela, além de ser impossível para o usuário manter a mesma postura por horas a fio, tornando desconfortável qualquer um o prolongamento de frente para o monitor.

A necessidade de sintetizar o assunto o torna objetivo e superficial.

O tempo da Internet é agora, o espaço é o da imaginação. Suas possibilidades nasceram e nascem da criatividade humana. Nada é impossível na Internet.

### III

#### *O templo do saber*

Uma biblioteca é a melhor imitação possível, por meios humanos, de uma mente divina, onde o Universo é visto e compreendido ao mesmo tempo. (Umberto Eco - 2003)

O livro em sua forma mais antiga é conhecido como rolo de papiro que era confeccionado com uma planta de mesmo nome e utilizado por egípcios, gregos e romanos para escrever<sup>13</sup>. O papiro em grego era chamado *biblos*, que significava “o livro” e tem origem na palavra *Biblos*, nome do porto do fenício de onde eram exportados os tais objetos. O plural de *biblos* era ta bíblia, o que significava ao pé da letra “os livros”, que foi utilizado pelo latim eclesiástico para designar “o conjunto de livros” ou “o lugar onde cataloga e empresta livros e outros impressos ao público”<sup>14</sup>. Nem sempre foi assim.

As primeiras escritas apareceram na Mesopotâmia, onde também surgiram as primeiras civilizações urbanas, entre o sexto e o primeiro milênio a.C. Essas civilizações eram administradas por um único governante que para administrar melhor, costumava registrar o número de sacos de grãos e cabeças de gado. Para isso contava com os escribas, que registravam esses cálculos em tábuas de argila que eram secas ao sol. A escrita utilizada era a cuneiforme (em forma de cunha), que foi uma criação dos sumérios. Essa escrita era monopolizada pelos sacerdotes e por letrados. Para marcar essas tábuas eram usados metais, ossos e marfins pontiagudos.

Já no Egito, existiram três sistemas de escritas: os hieróglifos, que era o mais complexo, sendo utilizado somente pelos escribas; o hierático, que era sagrado e monopolizado pelos sacerdotes; e o demótico, que era simplificado e de cunho popular. Se estivermos pensando em termos de bibliotecas, essas primeiras escrituras nas paredes também representam a necessidade do homem de eternizar seus pensamentos, sua cultura<sup>15</sup>.

Assim a palavra bíblia, passou a ser utilizado pelo latim eclesiástico para definir este lugar tão venerado pelos padres da Igreja na Idade Média. Ali se guardavam coleções de livros. Todo esse processo está ligado ao colecionismo e ao poder. Ao colecionismo, por que está unida a idéia de posse, logo ao poder. Os livros eram objetos caríssimos e trabalhosos de serem confeccionados e só os possuíam,

---

<sup>13</sup> SPINA, Segismundo. Introdução à edótica. São Paulo: Cultrix, 1977.p.23.

<sup>14</sup> HOUAISS, Antônio. Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.p.58.

<sup>15</sup> MELLO, Leonel Itaussu Almeida. COSTA, Luís César Amad. História antiga e Medieval: Da comunidade primitiva ao estado moderno. São Paulo: Abril Educação, 1985.p.37.

homens ligados diretamente à Igreja, como padres ou monges, ou aqueles que de alguma maneira mantinham ligações com esse poder, além dos estudiosos<sup>16</sup>.

Ao preservarem essas coleções, os homens queriam na verdade, imortalizar em seus livros, seu patrimônio cultural. Foi a maneira encontrada para perpetuar suas idéias e sentimentos que estavam ali descritos.

Nesse primeiro momento, os livros eram tão somente parte de coleções inteiras de idéias e sentimentos, e só podiam ser abertos com a autorização da Santa Igreja, pois seu uso era restrito ao clero e aos homens ligados ao poder, tais como reis e imperadores. O saber estava aprisionado para que se pudessem manipular, através do medo e da coação, aqueles que desconheciam seu conteúdo.

Foi durante o Renascimento, época em que houve uma grande revolução cultural, na qual a preocupação dos homens era a busca pela cultura antiga em oposição à cultura medieval, a qual desprezavam, como veremos posteriormente, que houve uma abertura maior em relação à cultura e o uso de literatura, pois os humanistas, que eram clérigos ou protegidos por mecenas (homens de dinheiro e influência que financiavam os artistas), buscaram por essa liberação.

Conforme foi dito anteriormente, com o passar do tempo e com a chegada do Renascimento, o uso das bibliotecas se aproxima daquele que conhecemos hoje, pois a investigação à cultura Clássica permitiu esse acesso, mas somente depois da Revolução Francesa que essas bibliotecas, consideradas por muitos antropólogos como museus públicos, tornaram-se “instrumentos de democratização do saber”.

Como pudemos ver, as bibliotecas tinham e têm como premissa a conservação e a eternização de idéias e sentimentos.

### ***Biblioteca da Alexandria, a maior biblioteca da Antigüidade***

---

<sup>16</sup> GRECO, Vera Regina Luz. *Jornal do MARGS*, nº 83.

As bibliotecas, ao longo dos séculos, têm sido o meio mais importante de conservar nosso saber coletivo (Umberto Eco – 2003).

A Alexandria foi fundada pelo Imperador Alexandre Magno, por volta de 332 a.C., entre o lago Mareotis e o Mar Mediterrâneo, no Egito. Era uma cidade célebre pelo seu farol de mais de 400 m de altura, o qual auxiliava o grande movimento que havia naquele porto. Foi um centro cosmopolita onde circulavam pessoas de todas as nacionalidades, onde reinava a liberdade de culto. A cidade alcançou um grande tráfico comercial, pois ali era o ponto de convergência de vários lugares tais como Grécia, Egito, Oriente e todo o Mediterrâneo. Era para a época, a Nova York de nossos tempos.

Foi o célebre arquiteto “Deinócrates, que orientou a construção do templo de Diana de Êfeso”<sup>17</sup>, foi quem cuidou de todos os detalhes da construção da cidade, dando-lhe uma forma de clámide grega, em outras palavras, um desenho geométrico característico das cidades modernas daquela época.

O Imperador Alexandre Magno foi educado nos moldes da cultura grega e por isso acabou se empenhando em propagar essa cultura por todo o mundo, inclusive no Egito que durante séculos e séculos foi autônomo em termos de cultura, o que favoreceu o crescimento daquela sociedade no que diz respeito ao crescimento intelectual.

A Alexandria possuiu a maior biblioteca do mundo na Antigüidade, que chegou a guardar mais de 700 mil textos em volumes diversos. Tudo nos mostra que o surgimento dessa biblioteca deve-se ao fato de que Demétrio Falério, talentoso filósofo exilado, insistiu a Ptolomeu I Sóter, faraó do Egito, que reinou que a construísse, mas há quem defenda a idéia de que ela surgiu da biblioteca pessoal de Aristóteles.

Esta biblioteca foi o maior monumento da sabedoria e da memória na Antigüidade. Todos os tipos de ciências eram nela encontrados: matemática, astrologia, mecânica, medicina e tantas outras. Um lugar que servia de referência em termos de comércio e ciência, onde podíamos encontrar todos os tipos de pessoas, de todas

---

<sup>17</sup> Enciclopédia de la Bíblia. Barcelona:Ediciones Garriga. Primer Volumen A-B, p.304.

as nações, circulando neste local, pois era uma cidade portuária. Por tudo isso, a cidade recebia influência de todos os lugares.

Os *Ptolomeus* eram considerados os “Patrocinadores do conhecimento”. Foi à dinastia dos *Ptolomeus* que mais cuidaram da construção, elaboração e crescimento da Biblioteca da Alexandria. Foi *Ptolomeu I Sóter (Salvador)*, que iniciou a construção, sendo terminada por *Ptolomeu II Filadelfo*. Este ergueu o famoso farol e abriu o canal que ligava o rio Nilo ao Delta. Percebeu a importância de transformar a biblioteca num templo de saber e não apenas num lugar de antiguidades.<sup>18</sup>

O último dos *Ptolomeus* foi Cleópatra, que mesmo depois de César tomar a maior parte da cidade da Alexandria, ela o solicitava em sua caminhada diária a biblioteca onde buscava por novas narrativas. O conquistador romano ficava encantado com sua vivacidade intelectual.

A biblioteca tornou-se, fazendo uma comparação, algo igual a uma Universidade, onde havia mestres e alunos, que buscavam pelo conhecimento, através de pesquisas e estudos sem fim. Eram, como dito anteriormente, astrólogos, matemáticos, e filósofos e outros tantos que estavam ali a prontos a pesquisas. Todos eram assalariados. *Ptolomeu Filadelfo* era um entusiasta da ciência, e resolveu integrar as culturas grega e egípcia, por isso o grego era a língua utilizada na biblioteca.

Grandes pensadores viveram nela e nela cresceram intelectualmente falando, deixando sua contribuição para o mundo: Arquimedes, Aristarco de Samos, Apolônio de Perga, Heron de Alexandria.

Para organizá-la, havia um bibliotecário-mestre, que era quem cuidava de todos os escritos, coordenava as cópias feitas pelos copistas da biblioteca, classificava os textos, além de orientar o gosto e a leitura dos príncipes reais.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> <http://www.educatererra.com.br/voltaire/antiga/2002/10/31.002.htm>, em 18/04/2004, às 15h e 02 min.

<sup>19</sup> <http://www.educatererra.com.br/voltaire/antiga/2002/10/31/001.htm>, em 18/04/2004, às 14h58min.

Eles eram filólogos e humanistas encarregados de organizar grandes obras da Antigüidade, por isso suas funções ultrapassavam as habituais. A esses escritos antigos se somavam o *Pentateuco*, os 70 manuscritos que continham o Velho Testamento, no qual trabalharam 72 filósofos convidados por *Ptolomeu Filadelfo* para traduzi-los do hebraico para o grego, na Alexandria. Quando um intelectual grego era convidado a ocupar esse cargo, era como chegar ao ápice de sua vida intelectual.

Alguns dos principais desses principais bibliotecários seguem abaixo:<sup>20</sup>

<b>Bibliotecário-chefe</b>	<b>Período</b>
Demétrio de Faléreio	284 a.C.
Zenôdoto de Éfeso	284 a 260 a.C.
Calímaco de Cirene	260 a 240 a.C.
Apolônio de Rodes	240 a 235 a.C.
Erastóstenes de Cirene	235 a 195 a.C.
Apolônio Eidógrafo	180 a 160 a.C.
Aristarco de Samortácia	160 a 145 a.C.

O grande acervo sofreu com vários incêndios, sendo que o primeiro de grande proporção em 48 a.C., e outros muitos ainda, ao longo dos anos, atingiram o templo do saber, durante alguns conflitos com os Romanos, mas em 641 houve um incêndio que destruiu tudo. Alguns atribuem a destruição definitiva ao califa mulçumano Omar.

A Biblioteca da Alexandria, por sua referência em termos de pesquisa e pelo volume de saber existente dentro dela, foi de suma importância. Era a memória de todo o povo daquela época, o retrato de uma civilização.

### ***Hipertexto: a chave para a mega biblioteca***

---

<sup>20</sup> <http://www.educaterria.com.br/voltaire/antiga/2002/10/31/001.htm>, 18/04/2004, às 14h58min.

Uma pessoa capaz de guardar em sua mente a informação suprida em uma grande biblioteca emularia, de certo modo, com a mente de Deus. (ECO, Umberto. 2003)

O hipertexto, por sua constituição, favorece ao usuário da Internet, o acesso a uma gama de informações nunca antes vista ou acessadas em um só lugar, ou melhor, em um só contexto.

Se uma biblioteca é o templo que reúne todos os saberes numa memória vegetal (grifo meu), como disse Umberto Eco<sup>21</sup>, em sua palestra na Biblioteca da Alexandria, a Internet é a memória em carbono. Se a biblioteca é um templo, que tem por finalidade maior a guardar os saber coletivo, para eternizar as idéias e os sentimentos humanos, além de favorecer o homem com o acesso, a Internet, é com certeza, a maior biblioteca já vista de todos os tempos.

Tanto quanto uma biblioteca convencional, a Internet guarda em sua memória de carbono, grandes obras literárias e diversas análises sobre elas, ensaios universitários, teses, histórias sobre civilizações antigas, comparações antropológicas de sociedades diversas, bem como também podemos ter conhecimento de qualquer assunto que julgemos existir.

A estrutura que permite a qualquer usuário o acesso, a todo tipo de informação, é o hipertexto. Ele, através de seus ícones, sentenças ou palavras marcadas, imagens e tantos outros itens, possibilitam o link, que nada mais é que uma viagem a outro contexto, como a que fazemos na nossa memória do corpo humano, quando buscamos lembrar de algo.

Segundo Eco, “o hipertexto é uma rede multidimensional ou um labirinto em que cada ponto ou nó pode ser potencialmente ligado qualquer outro nó”, o que significa dizer que o hipertexto é chave que nos liga a “Grande Teia” (WWW). Ele é o instrumento de acesso a essa mega biblioteca, ou essa macro enciclopédia, “Mãe de todos os Hipertextos”, chamada Internet.

#### IV

---

<sup>21</sup> ECO, Umberto. Muito além da Internet. Palestra na Biblioteca de Alexandria. Folha de São Paulo, 14/12/2003.

## ***Renascimento: o início dos tempos modernos***

O mundo todo está cheio de pessoas sábias, de preceptores eruditos, de grandes bibliotecas; parece-me que nem no tempo de Platão ou de Cícero havia condições de estudo como agora... (Pantagruel. apud ARRUDA, 1984, p.35)

Segundo José Arruda, Assistente Doutor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, o Renascimento foi à época da História Universal que deu início aos tempos modernos na Europa, tendo seu ápice entre os séculos XV e XVI. O termo Renascimento foi resultado da preocupação dos homens em recuperar valores da cultura antiga, fazendo oposição à cultura medieval a qual desprezavam.

Os homens renascentistas eram conscientes da diferença existente entre a sua época e a anterior, Idade Média, julgando a cultura medieval consideravelmente, inferior a da Antigüidade, fazendo uma oposição, permanente, entre uma e outra. Julgavam viver num período de luz depois das “trevas”.<sup>22</sup>

O Renascimento surge na Europa, mais exatamente na Itália e só foi possível devido a uma série de fatores da história italiana que favoreceram seu surgimento.

Muita gente enriqueceu em função do comércio e do crescimento das cidades italianas, o que beneficiou os artistas que eram protegidos e financiados por esses comerciantes. Esses protetores eram chamados de *mecenas*. Ser um mecenas trazia prestígio e respeito além de créditos para divulgar as atividades de suas empresas, em outras palavras, o interesse social e econômico auxiliou o Renascimento em seu desenvolvimento.

As idéias renascentistas foram disseminadas na Europa, bem mais tarde, através das guerras da Itália com outros países, porém nenhum outro foi tão “enriquecedor”, “profundo”, “completo” quanto na Itália. Cada país, ao desenvolver as idéias renascentistas, adquiriu características próprias, só tendo em comum o apego ao intelectual e artístico.

---

<sup>22</sup> ARRUDA, José Jobson de Andrade. História moderna e contemporânea. 17ª ed. São Paulo: Ática, 1984.p.31

Além de trazer a tona à cultura greco-romana, o renascimento permitiu ao homem redescobrir os valores do próprio homem, movimento que chamamos de antropocentrismo, pois o homem, seus desejos e valores, estão à frente de Deus, que era o centro de tudo na cultura medieval (teocentrismo). Outra característica importante é o fato dos homens renascentistas serem racionalistas, uma vez que tinham a convicção de havia sempre uma explicação lógica encontrada na razão do homem ou nas ciências.

O Humanismo foi essa revolução literária e científica vivida nesta época do Renascimento. Os protegidos dos mecenas ou os homens da Igreja envolvidos nas produções artísticas e que necessitavam de investimento ou apoio financeiro eram denominados *humanistas*.<sup>23</sup>

As idéias humanistas foram amplamente disseminadas graças à invenção da imprensa, que tornou mais fácil a publicação de livros, que antes eram confeccionados pelos copistas, tornando o livro mais acessível e mais barato, além de poder fazê-los em grande escala para a época.

A Itália foi o principal centro humanista da Europa e do Mundo, ao final do século XV. Os estudos iniciaram com a chegada de homens vindos de Constantinopla, cidade do Oriente, também principal centro cultural daquela região. Em Florença, Lourenço de Médicis fundou uma academia de pensadores, onde homens notáveis tentavam criar parâmetros entre o pensamento antigo e pagão, e os ideais cristãos, numa tentativa de conciliar a filosofia de Platão e o Cristianismo. Por sua vez, os humanistas pagãos criticavam o Cristianismo, fazendo estudos sobre a história da Antigüidade, comparando-os aos textos sagrados.

Os *humanistas* tendiam ao individualismo, reflexo do antropocentrismo; acreditavam no potencial do homem e no seu progresso. Tinham uma “sede de aprender, tudo que fosse possível”. Extremamente cultos e admiradores da cultura antiga, os humanistas, buscaram por todo o Mundo, os textos desenvolvidos na Antigüidade, para copiá-los, corrigi-los e comentá-los. Para isso precisaram aprender o grego, o hebraico e outras línguas antigas.

---

<sup>23</sup> Apud.p.31.

Assim, esses estudos filológicos iniciados pelos humanistas, ainda na época do Renascimento, resultaram em uma técnica, que “procura apurar um texto, buscando sua genuinidade”, a edição crítica<sup>24</sup>. (SPINA. 1977, p.59).

### *A crítica textual*

A Filologia é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem e das obras de arte escritas nessa linguagem.(AUERBACH. 1972, p.11)

A Filologia, segundo citação de J. Mattoso Câmara Jr., em seu Dicionário de Lingüística e Gramática, é “o estudo da nossa língua em toda a sua plenitude, e dos textos em prosa e verso, que servem para documentar”. É uma ciência que se propõe, num estudo diacrônico, entre outras atividades, buscar a genuinidade de um texto. Essa atividade específica é a crítica textual.

Como vimos anteriormente, a crítica textual, surge na Renascença, com o objetivo de buscar a última vontade do autor.

Muitos foram os filólogos que se destacaram nessa atividade, ainda na Renascença, mas foi após Lachmann (1793-1851), que os estudos tomaram posições “teóricas e metodológicas (...), sendo ele, a partir de então, considerado o criador da crítica textual” (grifo meu)<sup>25</sup>.

Antes de Lachmann, a hermenêutica e a crítica era a base para o trabalho que resultava nas edições de textos gregos e latinos, sendo até muitas delas não superadas.

Segundo Segismundo Spina, autor de Introdução à edótica, Lachmann, ao redigir o prefácio de sua edição a Propércio, ainda com 22 anos, fez uma crítica sobre a forma que se editavam os textos, entendendo que ao se utilizar um texto autorizado para nele fazer modificações, tornava-o uma edição crítica. Essa edição era subjetiva, pois o filólogo ao cumprir a fixação do texto não dava satisfações sobre esse procedimento. O editor elegia um texto sagrado, um texto

---

<sup>24</sup> SPINA, Segismundo. Introdução à edótica: crítica textual.São Paulo: Cultrix, 1977.p.59

<sup>25</sup> SPINA, Segismundo. Introdução à edótica: crítica textual.São Paulo: Cultrix, 1977.p.64.

canônico, e corrigia, avaliava, alterava face a face com um códice (o códice pertence à tradição manuscrita, era feito a partir de tronco de madeira, coberto com uma cera especial que possibilitava receber escrita<sup>26</sup>. Lachmann, em suas edições, estabelece um sistema de crítica objetiva, uma vez que sempre havia criticado o antigo método. O método lachmanniano se caracteriza pela objetividade, sendo também racionalista e mecânico, talvez por conta de sua procedência alemã. Mesmo assim, somente quando faz a edição crítica do Novo Testamento é que reconhece a inflexibilidade de seu método, diante da necessidade de adaptação do texto.

Um texto crítico é o resultado de uma investigação filológica, que o reconstitui, sendo essa ainda a etapa mais importante, tanto em um texto manuscrito, quanto num texto impresso. “Editar um texto consiste em reproduzi-lo”, segundo Spina, e quatro são as formas de reprodução de um texto:

1 – Reprodução mecânica – é aquela feita por instrumentos de cópia tais como fotografia ou a xerografia, que são formas de reprodução com fidelidade ao texto, como o fac-símile. Daí a denominação foto mecânica ou fac-similar.

2 – Reprodução diplomática – Como o próprio nome diz, reproduz, tipograficamente, de maneira fiel, os manuscritos em sua grafia, ligaduras, abreviações, erros, sinais, lacunas e qualquer outra passagem. Recomenda-se que esta edição seja acompanhada de outra de fac-símile, do original.

3 – Transcrição diplomático-interpretativa – É uma tentativa de melhora do texto, pois “elimina as dificuldades de natureza paleográfica” pertencentes à escritura em questão, tornando-a uma forma interpretativa do original.

4 – Texto Crítico – é reprodução mais fiel ao texto original, pois o editor crítico procura de toda forma, chegar à vontade última do autor, porém sem macular o texto, sem contaminá-lo. Neste são aplicados às normas da crítica textual, porém de texto pra texto, deverá o crítico encontrar maneiras e técnicas próprias de chegar ao seu

---

<sup>26</sup> SPINA, Segismundo. Introdução à edótica: crítica textual. São Paulo: Cultrix, 1977.p 23.

objetivo final, o texto original, porque não há uma receita única para esse tipo de análise.

Os dois primeiros tipos, edição mecânica e diplomática, de análise ou cópia textual, são direcionados aos especialistas, pois os erros, os tipos de manuscritos, as inúmeras lacunas, a falta de sinais de pontuação, e outros tantos itens, dificultam a leitura dos mesmos. Os dois últimos tipos, porém, têm um público mais amplo.

As etapas estabelecidas por Lachmann para o trabalho crítico com os textos são:

*Recensio* – é o momento em que o filólogo faz o levantamento dos dados relacionados ao texto em questão. Muitas vezes o texto que temos acesso, poderá se encontrar em transmissão direta, ou seja, quando após a revisão, permanece a vontade última do autor, ou indireta, que tem sua relevância, pois ela, mesmo com presença de lacunas, poderá auxiliar o trabalho de edição crítica, por conter informações relevantes. A transmissão direta é a fundamental, mas nem por isso devemos desprezar a transmissão indireta.

O *recensio* poderá ser feito de duas formas:

Aberto – Quando o texto só poderá ser estabelecido pelos critérios internos do juízo crítico, pois ele não leva em consideração os critérios quantitativos e automáticos. É quando há uma manipulação, ou contaminação, de acordo com o crítico textual, que irá alterar o conteúdo do códice ou do impresso, de acordo como dito anteriormente, com seu juízo crítico.

Fechado – Quando as fontes textuais são fiéis ao original, não “contaminando” o texto com alterações vindas do editor crítico.

*Collatio* – após o levantamento, *recensio*, é feita uma análise que busca identificar os pontos comuns nos textos manuscritos ou impressos que estejam disponíveis. O tipo de *recensio* será determinante nessa etapa, pois será missão do crítico selecionar os textos que serão utilizados.

*Eliminatio codicum descriptorum* – com o resultado do *collatio*, nessa etapa em que se exclui os códices que são meras cópias, salvo aquelas que possam contribuir com o “estabelecimento crítico do texto”, o editor crítico traça o caminho para o seu trabalho. Quan-

do o texto está impresso, fazer a distinção entre os textos reduplicadores, torna-se mais fácil, ao contrário da tradição manuscrita, que requer uma escolha mais cuidadosa.

*Emendatio* – nesta etapa somente se emenda o que for erro, deslize evidente ou gritante contra-senso. Quando um texto é corrigido por conjectura, há uma interferência do editor, que procura adequar os erros lingüísticos e culturais da época em que o mesmo foi elaborado. Outras ciências auxiliam a correção tais como a Paleografia, Escripologia, Diplomática, Grafemática e Codicologia. Somente quando essas ciências não preenchem as lacunas existentes é que o editor crítico poderá então interferir.

*Constitutio textus* – Esta é a etapa final, a qual está dividida em duas partes: a Introdução e o Texto propriamente. Na primeira parte, a Introdução, deverá conter todos os procedimentos, históricos e metodológicos que envolveram as etapas anteriores. A segunda parte, o Texto, é o próprio com o aparato crítico, ou seja, todos os textos e cópias, sua genealogia e variantes.

Todas essas etapas lachmannianas, descritas por Leodegário A. de Azevedo Filho, em Iniciação em Crítica Textual, nos mostram a importância de trabalho com cunho científico e metodológico para os estudos filológicos.

A apuração do texto literário é uma das mais importantes funções da filologia, através da Edótica, tão pouco cultivada por nós, pois fornece base indispensável ao entendimento não só do texto, como também conhecimento sobre as culturas de outros tempos. Mais que isso, nos permite ter a visão de vida, de mundo, visão de tudo que cerca a sociedade em questão.

### ***É possível fazer crítica textual no texto virtual?***

Qualquer edição crítica é uma representação, sempre, uma tentativa de restauração de um texto, provisoriamente definitiva enquanto não surjam outras baseadas em novos achados ou em diferentes perspectivas metodológicas que possam lançar novas luzes sobre o original. (SPINA. 1977, p.127)

Muitos dos textos da Antigüidade passaram pelas mãos habilidosas dos copistas e mais adiante de filólogos, que ansiosos por dissecarem o texto e a sociedade a qual o mesmo foi produzido, não perdiam tempo em analisá-lo detalhadamente.

Para que pudessem ser trabalhados, esses textos precisavam ser reconstruídos, palavra a palavra, linha a linha, parágrafo a parágrafo, como pudemos ver anteriormente.

Essa tarefa era muito trabalhosa, pois exigia que o pesquisador buscasse as cópias existentes espalhadas por diversos lugares no mundo, separar os códices que realmente interessavam, que pudessem enriquecer o trabalho de pesquisa, em busca sempre da vontade última do autor.

É importante ressaltar que todos os textos escolhidos pelos pesquisadores eram de uma maneira geral, textos canônicos, textos que atravessaram séculos e séculos, de maestria e delicadeza. Mas e o que dizemos dos textos virtuais, os hipertextos, tão fugazes, objetivos, superficiais? Seria possível, desse texto, fazermos uma crítica textual?

Ao acessarmos um site e nos interessamos por um determinado texto ou uma imagem, tendemos a salvá-los em nossos arquivos. Muitas vezes, recortamos o que nos interessa e simplesmente “colamos” no programa Word, para dali salvamos para os nossos documentos e arquivos. Se este for utilizado em uma pesquisa, sabemos de antemão que teremos que anotar o dia e a hora de acesso, pois como foi dito anteriormente, o hipertexto, é um texto, que tem como principal característica a mudança rápida de seu conteúdo.

Quando utilizamos o Word, um editor de texto do programa Windows, e ocorre uma queda de luz, por exemplo, o próprio programa, em defesa do seu trabalho, faz um backup, para mais tarde fazer uma recuperação do texto trabalhado, em um arquivo temporário. Esse arquivo tem esse nome, pois ficará a disposição do usuário por pouco mais de 3 (três) semanas.

Há em nossos computadores um diretório, que tem como objetivo maior fazer um backup de todo texto, arquivo, imagem que é explorada ou acessada da Internet, como garantia de que o arquivo não se perderá facilmente. No Windows ele também tem a função de

auxiliar o sistema a carregar novamente a página acessada, diminuindo o tempo de acesso a rede. É o diretório Windows/ Internet Temporary Files.

Nele, arquivos e páginas de sites são armazenadas durante 3 (três) semanas pelo menos, o qual podemos acessar, facilmente, através do Windows Explorer. Todo o hipertexto, com ícones, imagens e textos é encontrado facilitando o trabalho do editor, que na busca do último desejo do autor, poderá ali encontrar material para reconstruir o hipertexto.

## CONCLUSÃO

Com este trabalho, conseguimos concluir que há possibilidade de realizarmos crítica textual no hipertexto, pois ao estudarmos a Internet, apontamos para o fato de que quando acessamos uma página ou “carregamos”, “copiamos” e “colamos” um hipertexto, este fica armazenado em um diretório de arquivos temporários \*tmp, no Word, por exemplo. Eis a fonte para realizarmos a crítica textual, pois se esta visa buscar a última vontade do escritor, nada melhor do que termos o texto na íntegra, como se fosse com uma certa fidelidade, a produção do autor.

Texto, biblioteca e Internet: passos largos até chegar ao que temos hoje, o hipertexto.

Em nosso estudo acabamos concluindo, também que há probabilidade de realizar as críticas genéticas em hipertextos, e, por isso o caminho seria saber antes a origem do próprio texto, buscando onde nasceram os sites, quem sabe nos bankbones, que são gerenciadores de informações da Internet, mas isso seria um outro estudo.

Há muito para discutirmos a respeito da crítica textual no hipertexto. Não conseguimos aqui encerrar este assunto, até porque não era esta a nossa intenção; e sim iniciarmos uma discussão que ainda tem muito para render.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, José Jobson de Andrade. *História Moderna e Contemporânea* – 17ª ed. – São Paulo: Ática, 1984.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Iniciação em Crítica Textual*. Rio de Janeiro, R.J.:Presença/EDUSP, 1987

AUERBACH, Erich. *Introdução aos Estudos Literários*. Tradução de José Paulo Paes (2ª edição). São Paulo, S.P.: Cultrix, 1972.

CAMARA Jr., J. Mattoso. Dicionário de Lingüística e Gramática. – 13ª ed. –Petrópolis: vozes, 1986.

ECO, Umberto. Muito além da Internet. Palestra na Biblioteca da Alexandria publicada na Folha de São Paulo no caderno Mais! Tradução Rubens Figueiredo. Em, 14/12/2003.

Enciclopedia de la Bíblia. Ediciones Garriga, S.A. Primer Volumen A - B

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. Minidicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro : Objetiva, 2001.

KATO, Mary A. No mundo da escrita:uma perspectiva psicolingüística.São Paulo: Ática, 1986.

PLATÃO & FIORIN. Lições de texto: leitura e redação. – 4ª ed. – São Paulo: Ática, 2001.

RAMAL, Andre Cecília. Educação na Cibercultura: Hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto alegre: Artmed,2002.

SPINA,Segismundo. *Introdução à Edótica: crítica textual*. São Paulo, S.P.: Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.

http:// [www.hotlink.com.br/suporte/suporte\\_manual/manual2.php](http://www.hotlink.com.br/suporte/suporte_manual/manual2.php), em 21/04/2004, às15h40min

<http://www.hotlink.com.br/suporte/suporte-manual1.php>, em 21/04/2004, às 15h e 30 min.

<http://www.hotlink.com.br/suporte/suporte-manual5.php>, em 21/04/2004, às 15h e 59min.

<http://www.educatererra.om.br/voltaire/antiga/2002/10/31/001.htm>, em 18/04/2004, às 14h58min.

<http://www.educaterra.com.br/voltaire/antiga/2002/10/31.002.htm>,  
em 18/04/2004, às 15h e 02 min.